

OS ALTARES DA CATEDRAL METROPOLITANA DE VITÓRIA ANTES DE 1968

Resumo

Este trabalho foi parte da minha dissertação de mestrado, defendida junto ao Programa de Pós Graduação em Artes, da Universidade Federal do Espírito Santo, cujo enfoque foi a análise do programa iconográfico dos vitrais da catedral metropolitana de Vitória e sua relação com um projeto político-religioso em vigor nos anos de 1930 e 1940. Apresento aqui, ao estudo mais específico dos altares, destacando as campanhas das associações e irmandades para sua encomenda e instalação, sua localização na catedral, os eventos de inauguração e, quando possível, a identificação das imagens presentes nos mesmos. Nas décadas de 1930 e 1940 foram instalados cinco altares laterais e o altar-mor, no espaço da catedral, dos quais só resta atualmente o altar-mor. Todos os altares laterais e a ornamentação interna da catedral foram retirados na reforma que a igreja sofreu entre 1968 e 1974. A catedral metropolitana foi erguida no local da antiga Matriz de Vitória e foram necessários 47 anos para sua construção e para a ornamentação de seu interior (1918-1965). Os altares encomendados evidenciam as devoções presentes na catedral do início do século e foram pensados na conjuntura da política romanizada da Igreja. Eles foram concebidos por Wladimir Bogdanoff, arquiteto russo residente no Rio de Janeiro, também responsável pela ornamentação interna do templo. Acreditamos que a variedade de altares na catedral é um indício da relação entre as permanências e as mudanças das práticas religiosas da Igreja e da população na passagem do século do XIX para o XX, dada implantação da Diocese e o controle das associações religiosas pelo clero.

Palavras-Chave: Altares – Catedral de Vitória – Devoções - Concílio do Vaticano II – Reforma de 1968Introdução.

Introdução

A catedral metropolitana de Vitória é uma obra em aberto. Entre 1918 - marco inicial de sua construção, e 1968, as obras da catedral permaneceram inacabadas, oscilando entre períodos de

Mônica Cardoso de Lima

Licenciada em História e Mestre em Artes,

Professora de História, Prefeitura Municipal de Vitória e Secretaria da Educação do Estado do Espírito Santo.

mhocardoso@hotmail.com



1. Altar-mor de Nossa Senhora da Vitória;
2. Altar de São João Evangelista (1968);
3. Altar de Nossa Senhora do Carmo (1968);
4. Altar de Santa Teresinha (1968);
5. Altar de Santa Teresinha (1968);
6. Altar de Santa Teresinha (1968).

As alterações na planta baixa da catedral foram feitas em 1968, sob a orientação do arquiteto João de Deus.

Figura 1: Esquema com a localização dos altares da Catedral de Vitória 1930-1970.

intensa mobilização de recursos para seu acabamento e períodos de paralisação das obras. Até a década de 60 a concepção estilística de sua ornamentação interna refletiu valores de uma Igreja pautada nos princípios da hierarquia e ostentação. Entre 1968-1974, a catedral passou por reformas que alteraram tal concepção com a retirada de imagens, altares laterais e ornamentos das paredes. A catedral foi erguida no mesmo local da antiga matriz da cidade em um contexto de importantes intervenções urbanas, marcadas pela valorização de uma modernidade cuja expressão materializou-se inclusive na escolha de repertórios ecléticos para a reforma ou construção de prédios públicos ou particulares. A opção para utilização de elementos da tradição gótica na arquitetura da catedral é um dos aspectos desse contexto cultural, religioso, social, político e econômico do início do século XX.

Os altares

A catedral possuía seis altares¹ antes da reforma de 1968-1974² tal como podemos identificar no esquema (FIG. 1). Os altares laterais existentes na catedral num período anterior ao Concílio Vaticano II relacionavam-se com as práticas devocionais da cidade, porém não representam necessariamente uma continuidade das devoções tradicionais, exceto para o caso do Sagrado Coração de Jesus e Imaculada Conceição. Na antiga matriz havia seis altares laterais: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Dores, São José, Santo Antônio, São João e o altar da Capela do Santíssimo Sacramento³.

Com a política de romanização⁴, implantaram-se novas devoções, como, por exemplo, a de Nossa Senhora Auxiliadora, no bispado de D. Nery. No início do século XX, ocorreu ainda a introdução das devoções de Nossa Senhora do Rosário Perpétuo, Santa Terezinha de Lisieux e Nossa Senhora do Monte Líbano. Todas em altares laterais, na nave.

O altar-mor (FIG. 2) foi inaugurado em dezembro de 1933 e tinha no trono Nossa Senhora da Vitória, foi alterado várias vezes até chegar ao que conhecemos atualmente, como podemos ver apenas através de documentos iconográficos (FIG. 3 e 4). No que concerne aos documentos textuais, eles são bastante raros. Encontramos a notícia, em 14 de dezembro de 1950, da abertura de um concurso de desenhos para a construção do altar Nossa Senhora da Vitória, para vitrais e para a aquisição de uma cantaria para o rodapé, organizado pela Prefeitura Municipal de Vitória⁵. Não se sabe exatamente o alcance desse concurso e nem seus desdobramentos, porque não encontramos em nossa pesquisa informações nos órgãos oficiais ou na imprensa. No entanto, através da comparação de fotografias do altar tiradas em 1934 e após 1950, fica evidente a mudança na ornamentação do altar-mor assim como em suas dimensões e na ornamentação das paredes.

Com a intervenção de 1968, o altar-mor sofreu mais uma modificação, tendo sido retirados praticamente todos os seus ornamentos. Os vitrais do presbitério foram transpostos para o braço esquerdo do transepto e os ornamentos da parede foram retirados. Preservou-se a imagem de Nossa Senhora da Vitória e os mosaicos no frontão do altar do profeta Isaías e dos



Figura 2: Altar-mor da catedral de Vitória. Revista Vida Capichaba, ano 12, n. 357, 30 jan. 1934, p. 11.



Figura 3: Altar-mor, Catedral de Vitória, 2008.



Figura 4: Altar-mor, Catedral de Vitória, 2008. Foto da autora.

patriarcas Jessé, David e Salomão, executados pelo Atelier Formenti.

Também é possível observar que com a retirada das imagens do braço direito do transepto e do altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Essa retirada tem um significado simbólico fundamental para a percepção da alteração no programa teológico e iconográfico da catedral. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi um elemento central da própria política de restauração da Igreja, daí sua relevância até a primeira metade do século XX.

O altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus foi inaugurado na catedral junto com o altar-mor e estava localizado no braço direito do transepto (FIG. 5). O altar do Sagrado também sofreu alteração entre 1934 e nos anos 50 (FIG. 6). Nos vitrais que compunham os janelões do transepto, figuram símbolos da eucaristia e permanecem em seus lugares originais, até os dias atuais. A imagem de Santo Antônio com o Menino Jesus, antes localizada no nicho do transepto, foi depois retirada, assim como o altar do Sagrado Coração.

Na parede lateral esquerda da nave foi erigido, em 1937, o altar dedicado aos devotos de Nossa Senhora do Líbano, com grande repercussão nos jornais e revistas da época. A documentação também confirma a existência das imagens de Nossa Senhora do Monte Líbano, de São José e de São Jorge nesse altar⁶ (FIG. 7).

Na nave ainda havia o altar dedicado a Santa Terezinha (parede lateral direita, em frente ao altar de Nossa Senhora do Monte Líbano) e a Nossa Senhora do Rosário de Pompéia (parede lateral esquerda). Na fotografia, é possível percebê-los, porém infelizmente não encontramos em nossa pesquisa fotografias frontais dos altares de Santa Terezinha e de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, nem mesmo documentos escritos que pudessem informar sobre as imagens neles dispostas (FIG. 8).

Havia ainda outro altar, na parede lateral direita, com as imagens Imaculada Conceição e do Sagrado Coração de Maria, porém não foi possível confirmar a qual santa era dedicado o altar, pois em registros eclesiásticos há referência às duas⁷. Dada a



Figura 6: Fotografia do Altar do Sagrado Coração de Jesus. Transepto da catedral de Vitória. s/d. Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória.

Entre o final dos anos 30 e os anos 50, a catedral recebeu ornamentos nas paredes laterais com quadros da Paixão de Cristo, mosaicos com imagens de santos e relevos em madeira policromada. A catedral antes da reforma de 1968, ainda preservava os relevos, altares e imagens, e após a reforma, todos esses elementos foram retirados. Sobre a retirada das imagens e dos altares, encontramos o seguinte relato no Documento de 1968:

Depois de reflexão demorada com leigos e sacerdotes e de ouvidos os bispos locais, procedemos à retirada dos altares laterais e das imagens em demasia das paredes da catedral, dando desta maneira uma maior aproximação estilística com o gótico, com o qual o estilo da catedral mais se aparenta. As imagens eram todas de gesso, em estilo moderno sem expressão artística. Nenhuma imagem de valor histórico. A retirada das imagens era uma necessidade litúrgica e a artística. Na totalidade repetida em massa e nos vitrais. As leis litúrgicas não permitem duplicidade de imagens ou de títulos do

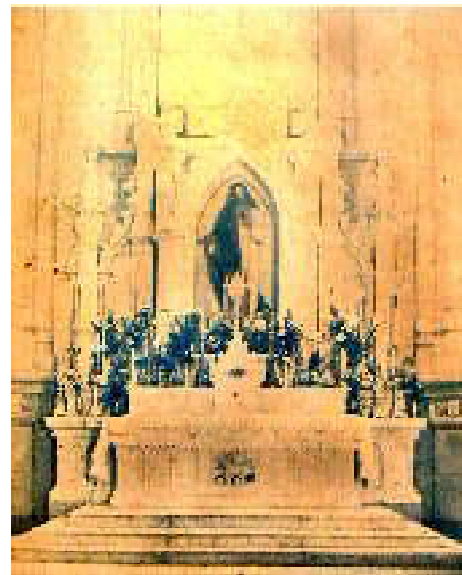


Figura 5: Capa. Revista Vida Capichaba, Vitória, ano 12, n. 356, 15 jan. 1934.

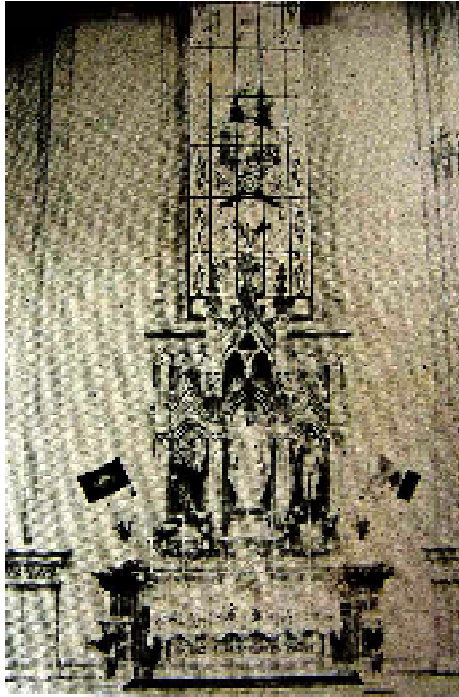


Figura 7: Altar de Nossa Senhora do Líbano. Revista Chanaan, n. 20, nov. 1937.

do mesmo santo nos templos. O estilo gótico não tem imagem devocional. Tanto os altares como as molduras da via sacra foram colocados depois de terminadas as paredes do templo. As paredes já estavam até pintadas (...) ⁸

Aparentemente, o documento sugere a consulta aos leigos e aos sacerdotes sobre tão significativa alteração estilística, no entanto acreditamos que a reforma esteve mais relacionada com o espírito de renovação defendida por D. João Batista da Mota e Albuquerque. Ele sugere ter havido uma certa resistência dos fiéis, já que o próprio texto do documento fala em "modificações nem sempre do agrado geral" ⁹. Afinal, mal dada por acabada em 1965, a catedral, construída sob a influência de uma cultura religiosa que se serviu da combinação de práticas litúrgicas e devocionais da Igreja tradicional com as da Igreja romanizada, sofreu uma nova intervenção em 1968.

Os altares dedicados aos santos de devoção na catedral somavam seis e na antiga matriz havia oito altares. Isto, a nosso ver, pode ser considerado um exemplo da resistência de estruturas mentais típicas das práticas religiosas do século XIX.

Quanto à afirmação, de que as imagens foram retiradas da catedral devido à sua duplicidade (lembremo-nos de que havia a representação do santo, tanto esculpida quanto no vitral) não encontra justificativa se nos pautarmos no artigo 125, do capítulo VII, dedicado à arte sacra do Concílio Vaticano II determina-se que:

Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis. Sejam, no entanto em número comedido e na ordem devida, para que não causem admiração ao povo cristão nem favoreçam devoções menos corretas. ¹⁰

O texto fala apenas em *numero comedido e na ordem devida* de imagens, ou seja, não fica explícita a necessidade de retirada em massa das imagens. De modo geral, na história da Igreja não há uma normalização que determine regras rígidas em relação às imagens. A atitude da Igreja em cada circunstância se relaciona à postura política e teológica hegemônica.

A retirada dos altares, das imagens, dos quadros da Paixão e dos ornamentos nas paredes são exemplos de como esta catedral configura-se como uma obra em aberto. Foi erguida sob os imperativos de torná-la adequada à função de sede do bispado e ainda sob a cultura religiosa influenciada pelo Concílio Vaticano I. Numa conjuntura posterior aos anos 70, passou a adaptar-se aos princípios ditos de sobriedade. Ou seja, como um monumento relevante que é para a cidade, revela sua própria historicidade.

Para as reformas de 1968-1974 contataram-se arquitetos do Estado da Guanabara (RIO) tendo como responsável Monsenhor Guilherme Schubert, membro da Comissão de Arte Sacra do Brasil. Os trabalhos iniciaram-se norteados por dois princípios: voltar ao estilo primitivo e realizar reformas que facilitasse a ação litúrgica renovada: tudo isto dentro do espírito de pobreza e sobriedade. Também a transposição dos vitrais do presbitério para o transepto e para a nave revela que o programa iconográfico pensado para a catedral nos anos de 1930 e 1940 perde seu sentido e função.

Referências

BRITO, Eliane M. A romanização no Espírito Santo: D. João Nery. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARNIELLI, Adwalter A. História da Igreja Católica do Espírito Santo (1535-2000). Vila Velha: Comunicação Impressa, 2006.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. Romanização. In: Dicionário do Brasil colonial (1822-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 660-661

Documentação manuscrita

Acabamento e Reformas da Catedral de Vitória. Documento Avulso. Arquivo Público Estadual. ES.

Livro de Tombo de 1898 - 1947. Paróquia de NS da Conceição da Prainha de Vitória. Curato da Catedral, Bispado do ES. Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória. ES

Publicações impressas

Jornal A Gazeta. Anos 1942, 1943, 1947, 1950, 1951, 1968.

Jornal Diário da Manhã. Anos 1915, 1916-1924, 1927, 1931-1934, 1936-1937.



Figura 8: Catedral, jun. 1965. Pasta: D. João Batista Mota Ordenações. Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória.

Livro Caixa da Catedral. Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória.

Notas

¹ Segundo artigo do jornal A Gazeta, em 1947 havia 6 altares na catedral: o altar-mor, o altar do Santíssimo Sacramento e quatro altares laterais. A Gazeta, ano 19, 11, set. 1947, p. 4. Arquivo Público Estadual.

² A reforma iniciada em 1968 consistiu em: 1ª etapa – abertura das portas laterais dos braços da catedral e um respiradouro para a cripta; 2ª etapa – construção da sacristia; 3ª etapa – transposição dos vitrais do presbitério para os janelões do braço esquerdo e para a nave; 4ª etapa – elevação da parte frontal do presbitério e construção de 12 nichos para ossuários e um sarcófago. Os mármore retirados das mesas de comunhão foram colocados nos degraus do presbitério; 5ª etapa – instalação de telhados nos salões dos fundos; 6ª etapa – reparos nas torres e colocação de escadas de ferro para acesso ao coro e torres; 7ª etapa – substituição dos telhados por telhas de amianto; 8ª etapa – reparos na instalação elétrica; 9ª etapa – retirada dos altares laterais; 10ª etapa – construção de um trono para a imagem da padroeira; 11ª etapa – sonorização. Acabamento e Reformas da catedral de Vitória. p. 2 e 6. Documento Avulso. Arquivo Público Estadual.

³ Há o registro das seguintes imagens: São Sebastião, Santa Rita com resplendor, São José com Menino Jesus, São João Nepomuceno, Santo Antonio com menino e São João Batista. Livro de Tombo de 1898 a 1947. Paróquia de NS da Conceição da Prainha de Vitória, p. 30. Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória.

⁴ O termo romanização – assim como ultramontanismo – é utilizado pela historiografia brasileira para designar a época de expansão do catolicismo romano, no Brasil entre o final do século XIX até os anos 1930, um período de estreitamento da vinculação das Igrejas nacionais com as diretrizes do Vaticano. Para o debate historiográfico a respeito da romanização no Brasil, ver: DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; CASALI, Alípio. Elite Intelectual e Restauração da igreja. Petrópolis: Vozes, 1995; VAINFAS, Ronaldo. "Romanização". In: Dicionário do Brasil imperial (1822-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 660-661; SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Círculos Católicos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FAPERJ / UFRJ, 2002; AZEVEDO, Thales de. Igreja e Estado em tensão e crise. São Paulo: Ática, 1978; AZZI, Rioldo. O Catolicismo Popular no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978; CEHILA, História da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980 (Coleção Geral

da Igreja na América Latina, t. 2, v. 2); MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. O Trono e o Altar: vicissitudes do tradicionalismo católico no Brasil. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1992 e MARCHI, Euclides. A Igreja e a questão social: o discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915). Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

⁵ Lei 168. Disponível em <http://sistemas.vitoria.es.gov.br/webleis/resultado.cfm>. Acesso em 21 de outubro de 2008.

⁶ Diário da Manhã, ano 30, 6 jan. 1937, p. 1. Arquivo Público Estadual.

⁷ Livro Caixa da Catedral, 1942-1947, p. 12 e 95. Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória.

⁸ Acabamento e Reforma da catedral de Vitória. Documento avulso. Arquivo Público Estadual.

⁹ Acabamento e Reforma da catedral de Vitória, p. 1. Documento avulso. Arquivo Público Estadual.

¹⁰ Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, p. 77.